

E AGORA, O QUE FAZEMOS COM ELES? REFLETINDO SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DOS BEBÊS¹

Michelle Hernandez²
Patrícia dos Santos Moura³

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo apontar possibilidades e características de uma escola que atenda às demandas dos bebês, para que esta deixe cada vez mais de ser espaço apenas de cuidados assistencialistas e passem a contribuir para o desenvolvimento integral dos bebês. Para dar conta desta minha intenção, a metodologia de pesquisa adotada é de caráter qualitativo e documental, constituindo-se também em uma investigação descritiva e analítica, sendo que os objetivos específicos são: investigar práticas de estágio curricular supervisionado que estimulam a aprendizagem e a interação entre os bebês; delinear características pedagógicas da sala de aula que recebe bebês como alunos; apontar algumas possibilidades didáticas para serem incorporadas ao planejamento de uma aula para bebês. Para alcançar tais objetivos, além da leitura de alguns estudos que abordassem a faixa etária de bebês, analisei as propostas levadas para a sala de aula pelas alunas de estágio curricular supervisionado na Educação Infantil da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão/RS, a fim de trazer recortes de atividades que de fato contribuam para a aprendizagem desses pequenos. Através das práticas de estágio analisadas, não podemos mais negligenciar que ser bebê faz parte da história de todo o ser humano, que é uma etapa singular da infância e que tem as suas peculiaridades, as quais devem ser consideradas no planejamento de aulas específicas para a Creche¹.

Palavras-chave: Bebês; Escolarização; Práticas pedagógicas.

RESUMEN

Esta investigación tiene por objetivo apuntar posibilidades y características de una escuela que atenta a las demandas de los bebés, para que esa deje cada vez más de ser espacio apenas de cuidados assistencialistas y pase a contribuir para el desenvolvimiento integral de los bebés. Para dar cuenta de mi investigación, la metodología de pesquisa adoptada es de carácter cualitativo y documental constituyéndose también en una investigación descriptiva y analítica, siendo que los objetivos específicos son: investigar las prácticas de enseñanza curricular que estimulan el aprendizaje y la interacción entre los bebés; delinear características pedagógicas del salón de clase que recibe bebés como alumnos; apuntar algunas posibilidades didácticas que pueden ser incorporadas al planeamiento de un salón de clase para bebés. Para alcanzar tales objetivos, además de la lectura de algunos estudios que aborasen la faja de bebés, yo he analizado las propuestas llevadas para el salón de clase por las alumnas de las prácticas de enseñanza en la Educación Infantil de la Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão/RS, a fin de traer recortes de actividades que de facto contribuyan para el aprendizaje de

¹ Artigo produzido como resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão/RS.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia. UNIPAMPA, Campus Jaguarão/RS.

³ Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Pedagogia. UNIPAMPA, Campus Jaguarão/RS.

estos pequeños. A través de las prácticas de enseñanza analizadas, no podremos más negar que ser niño hace parte de la historia de todo el ser humano, que es una etapa singular de la infancia y que tiene sus peculiaridades, las cuales deben ser consideradas en el planeamiento de las clases específicas para la Guardería Infantil 1.

Palabras clave: Bebés; Escolarización; Prácticas pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

Estudos que datam já da década de 1980 vêm mostrando como os bebês são capazes de interagir com o mundo que os cerca. Rappaport (1981, p. 22) afirma que “as posições mais recentes dentro da Psicologia do Desenvolvimento tem considerado o bebê como sujeito ativo desde o nascimento”. Assim os bebês vêm ganhando cada vez mais espaço nas instituições escolares e, com isso, há a necessidade das escolas adaptarem-se às peculiaridades desses pequeninos, para que se tornem espaços de qualidade, onde essas crianças possam desenvolver-se integralmente desde muito cedo. Contudo o fato de irem para dentro de uma instituição me instiga a pensar se conseguimos dar atenção adequada a todos em uma turma. Rappaport (1981) ressalta que crianças que foram mantidas em berços, sem qualquer estimulação, não conseguiram desenvolver habilidades esperadas em uma determinada faixa etária, como sentar, andar.

Muitas escolas ainda nos dias atuais não correspondem às necessidades dessas crianças tão pequenas, seja pela inexistência de práticas pedagógicas com bebês, sendo muitas vezes estas centradas apenas no cuidar, seja pelo espaço inadequado que é reservado a elas dentro do prédio da instituição. Nessa direção, para tentar compreender melhor esse problema de pesquisa, tenho como objetivo geral, neste Trabalho de Conclusão de Curso, apontar possibilidades e características de uma escola que atenda às demandas dos bebês, indo além de um espaço apenas para cuidados relativos às suas necessidades fisiológicas. Para dar conta desta minha intenção, a metodologia de pesquisa adotada é de caráter qualitativo e documental, constituindo-se também em uma investigação descritiva e analítica, sendo que os objetivos específicos são: investigar práticas de estágio curricular supervisionado que estimulam a aprendizagem e a interação entre os bebês; delinear características pedagógicas da sala de aula que recebe bebês como

alunos; apontar algumas possibilidades didáticas para serem incorporadas ao planejamento de uma aula para bebês. Para descrever e analisar os relatórios de estágio como documentos, busquei fundamentação teórica em Cairuga (2011), Pereira (2015), Rappaport (1981), BRASIL (1998) e Rizzo (2011). .

O interesse por essa temática emergiu em meu período de estágio na Educação Infantil, quando eu havia acabado de ter minha segunda filha e estava mergulhada no universo dos bebês e encantada por esse momento da infância. Naquela ocasião, fiquei instigada a investigar o quanto podemos contribuir para o desenvolvimento dessas crianças tão pequeninas, se realizarmos propostas planejadas adequadamente.

Este texto está organizado em cinco seções, sendo que nesta primeira apresentei o tema, os objetivos e a forma como realizei a investigação. Na segunda seção, apresento a fundamentação teórica que orientou meu estudo. Logo após, num terceiro momento, apresento a metodologia empreendida detalhadamente. A quarta seção dedico às análises dos conteúdos dos relatórios de práticas de estágio com Creche 1. Na quinta e última seção, apresento algumas considerações gerais sobre os resultados encontrados nesta investigação.

2 SOBRE OS PERCURSOS TEÓRICOS

Nesta seção, contextualizo brevemente a Educação Infantil no Brasil, a questão da infância e do ser criança e o que se entende atualmente a partir da nomenclatura “bebê”. Discuto também o que é a Creche e a quem ela atende, bem como enfatizo a necessidade desses seres pequeninos serem estimulados para desenvolverem suas potencialidades.

2.1 BEBÊS: QUEM SÃO ESSES PEQUENOS QUE MESMO TÃO DEPENDENTES CONSTROEM MUITOS SABERES?

O conceito de criança vem mudando com o passar do tempo, já que no passado, por volta do século XIX as crianças eram vistas com pequenos adultos, nenhuma atividade era pensada especificamente como sendo para criança. Quando bebês, então, eram vistos como incapazes de interagir com o meio social. Com o avanço, da sociedade, quando começou a se dar destaque às particularidades

dessa fase da vida, viu-se que esses sujeitos precisavam de cuidados próprios de uma criança em sua fase de desenvolvimento. Contudo, mesmo nos dias de hoje, é preciso considerar os diferentes tipos de infância que temos, o que depende de fatores como classe social e grupo étnico, por exemplo, nos quais ela está inserida. Com essas mudanças chegou-se ao entendimento de que a criança tem um jeito de pensar singular e de que ela é um sujeito histórico e social, que pertence a um grupo humano. As crianças desde muito cedo estabelecem uma comunicação com o mundo que a cercam, tentando compreendê-lo, e, nessas interações, vão construindo significados e aprendendo.

Os primeiros anos de vida de uma criança são cruciais para seu desenvolvimento, pois desde o momento que saem do útero de suas mães estão em constante relação com as pessoas que a cercam e reagem a estímulos que lhes são dados.

Com a necessidade das mães de classes populares, que são/eram as principais cuidadoras de seus bebês, entrarem no mercado de trabalho, surgiu a necessidade de existir um espaço que cumprisse este papel por elas. Assim, em 1988, a Constituição Federal definiu que o Estado brasileiro garantisse a oferta da Educação Infantil, pública, gratuita e de qualidade para crianças de 0 a 6 anos de idade. Mas será que o papel das creches⁴ é apenas sanar necessidades básicas das crianças, como alimentação e higiene? É por que as crianças precisam ir para a escola muito cedo que o vínculo de afeto com quem as cuida precisa ser quebrado? É por que as crianças, desde seus primeiros meses de vida, precisam frequentar as instituições escolares que elas precisam ser escolarizadas no sentido usualmente convencional?

O Estatuto da Criança e do Adolescente declara criança o sujeito de até 12 anos de idade e o documento do Ministério da Educação e Cultura, intitulado Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica (Brasil, 2009), explica que bebês são considerados as crianças de 0 a 18 meses de idade e crianças bem pequenas de 19 meses a 3 anos.

Com base nesses questionamentos, tenho a intenção de desmistificar esses conceitos trazidos anteriormente, os quais fazem com que tenhamos uma educação

⁴ Rizzo (2010 p. 49) define creche como “um ambiente especificamente criado para oferecer condições ótimas que propiciem e estimulem o desenvolvimento integral e harmonioso da criança sadia nos seus primeiros três anos de vida”.

mecânica com crianças que precisam ter carinho, afeto, respeito e cuidado aliados com o desenvolvimento que a escola pode lhe proporcionar. Nesse sentido, penso que não é porque temos uma turma com dez bebês que vamos tratá-los todos da mesma maneira, não aproveitando momentos da rotina para auxiliá-los a se desenvolver individualmente.

De fato, o curso de Pedagogia me preparou muito para trabalhar com crianças que andam, falam e estão em seu processo de alfabetização. Porém, quando pensei nessa temática, logo refleti que pouco se fala na faixa etária dos bebês, estes sujeitos com especificidades tão singulares que precisam de nosso afeto, cuidado e ajuda para se desenvolverem, o que pode estar contribuindo para que a escola não considere suas particularidades.

As instituições que atendem crianças com menos de 3 anos recentemente se caracterizaram como escolares. Mas, pela demanda geral de sua inserção no sistema educacional como parte da educação básica, ou pela novidade de pensar a educação para bebês, parece ser o único ponto de partida para pensar sustentar propostas pedagógicas na creche marcadas por incorporações de tradições de escolarização no atendimento às crianças pequenas. (BARBOSA E RICHTER, 2009, p. 89).

Essas inquietações surgiram ao longo do curso, já que mesmo tendo cursado Magistério e tendo participado do PIBID – Projeto Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, minha primeira experiência com bebês foi no Estágio de Educação Infantil da graduação, que mesmo acontecendo mais ao final do curso, trouxe-me muitos questionamentos. Confesso que deixei muito o “instinto materno” fluir, pelo fato de ser mãe e ter tido minha segunda filha poucos meses antes de iniciar esta etapa da minha formação. Nesse período, apaixonei-me por essa etapa na vida das crianças, reconhecendo tamanha importância para o longo da vida de um ser humano. Dei-me conta também que os alunos da graduação fogem dessa etapa escolar com o receio sobre o que fazer com esses grupos de crianças.

Sarmiento (2013) nos faz refletir que estamos sempre pensando na criança em processo de maturação, vislumbrando atividades para ela de um vir a ser no futuro, o que nos priva de ver e pensar sobre o que são no presente.—Então considero inadequado pensar ações com os bebês somente pensando no que serão quando crescerem. Ao invés disso, procurei refletir se tais propostas levadas por mim para a sala estavam sendo prazerosas ou se estavam fazendo algum sentido

para o bebê. Por mais que o bebê exerça a cada momento sua capacidade de interação com tudo o que o cerca e use de sua linguagem e expressão para comunicar-se, ele não é independente, precisa do outro para organizar as suas mediações com o mundo (PEREIRA, 2015). A partir desses entendimentos, os bebês passaram a ser compreendidos considerando-se o que são hoje, como atores sociais. É importante ressaltar que ao falar de infância na escola geralmente se faz referência às crianças maiores de três anos, etapa escolar com maior visibilidade na Educação Infantil. Sobre esse ocultamento da categoria “bebês”, Pereira (2015, p.44) explica que:

A infância é, então, um período, no qual as crianças vivem a sua vida ao mesmo tempo em que é uma categoria ou parte da sociedade. Portanto, julgo importante ressaltar acerca do quanto os bebês são pouco contemplados na história da infância, o que nos faz refletir que talvez seja por isso que quando falamos em infância geralmente esquecemo-nos de contemplar a infância dos bebês.

Com isso percebo bebês diferentemente de tudo que os caracteriza como imaturos, incapazes e frágeis. É indiscutível que eles necessitam de muita dedicação e cuidado, e esse é o papel do adulto que trabalha com bebês, seus pais ou responsáveis, o qual é vital para os bebês. Percebo atualmente os bebês como seres históricos e de direito, como trazem muitos documentos, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990), no seu Art. 3º:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

As crianças desde seu nascimento precisam ser encaradas como um sujeito de direitos, desde ao ser cuidado a até ter um ambiente favorável ao seu desenvolvimento, o que está diretamente relacionado à creche, já que esta precisa estar apta a auxiliar neste processo, não vendo a criança como ser passivo que frequenta a creche apenas para ser cuidado, na ausência de seus responsáveis. Isto também é referido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Resolução nº5 de 17 de dezembro de 2009, que descreve a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 12)

Assim não podemos nos esquecer dos bebês, das crianças bem pequenas, quando tratamos da Educação Infantil, visto que essas estão ganhando cada vez mais espaço nessas instituições e contribuindo cada vez mais para que entendamos esta etapa da infância.

2.2 BEBÊS NA ESCOLA: UM ESPAÇO QUE NÃO PRECISA SER ESCOLARIZADO DA FORMA “TRADICIONAL”

Trago esse termo escolarizado, questionando seu sentido “tradicional”, pois não é porque as crianças estão na escola que precisamos pensar em ações que muitas instituições ainda perpetuam nos dias atuais, as quais desconsideram suas individualidades e as características de sua faixa etária. Precisamos voltar o nosso olhar para práticas pedagógicas que atendam às necessidades específicas dos bebês, garantindo não somente cuidados com a alimentação e a higiene, os quais também são grandes motes para desenvolver ricas ações com os pequenos, como também práticas pedagógicas que auxiliem nesse processo.

A palavra creche significa “manjedoura”, que era o nome dado aos abrigos dos necessitados, tendo surgido inicialmente no século XVIII na França, para que suas mães pudessem trabalhar, mas possuía apenas um caráter assistencialista. Assim podemos afirmar, como declara Cataldi (1992), que essas instituições não surgiram para sanar necessidades dessas crianças, e sim para substituir a mãe no que se refere aos cuidados, enquanto esta estivesse em seu período de trabalho. E como aponta Rizzo (2010), com a mudança restritiva na estrutura familiar para pai, mãe e filhos, quando se desenvolveram os grandes centros urbanos, houve a falta de avós e tias para cuidar das crianças, e a creche apareceu resolvendo a falta de com quem e onde deixar essas crianças que ainda não sobrevivem sozinhas.

Já no Brasil o surgimento de creches deu-se a partir do século XX, mas não havia participação do Estado nessa oferta: era um benefício concebido pelos grandes empresários (após muita reivindicação social) que acreditavam que se as

mães estivessem satisfeitas produziram mais. Somente em 1988, com a promulgação da nova Constituição Federal, que a creche virou um dever do Estado, um direito da criança e uma opção dos pais.

A visão de quem são os bebês e do que são capazes também mudou: as crianças já nascem muito mais ativas e participativas no mundo que as cercam, e os adultos que convivem com elas precisam criar condições para que sejam agentes do seu desenvolvimento, condições para que essa criança experimente o mundo, sensorialmente, motoramente e psiquicamente. Este também é o papel da escola, quando recebe bebês e crianças tão pequenas. Precisamos construir uma escola para bebês que atenda às suas necessidades e características, não uma escola que tenha por modelo, por exemplo, o ensino fundamental ou então as classes pré-escolares da educação infantil. Percebo a importância de realizar atividades com bebês para bebês, ou seja, que considerem sua individualidade, a heterogeneidade de idades dentro de uma mesma sala de aula que, muitas vezes, tem crianças que caminham e outras que ainda nem engatinham.

Para isso é preciso dar subsídio para seu desenvolvimento integral como sujeito do mundo, primeiramente então precisamos conhecer quem são essas crianças, do que são capazes e o que vêm fazer na escola. Ressalto que quando trabalhamos com turmas de Creche I e Creche II, precisamos fazer tudo com muito afeto, pois esse fator é indispensável para o favorecimento de um ambiente saudável. É característica também dos bebês a vontade de se relacionar e de se comunicar com os outros.

Historicamente, no Brasil, as escolas de Educação Infantil sofreram muitas mudanças até chegar em sua estrutura atual, por exemplo, nem sempre foram nomeadas de escolas. Inicialmente atendia-se somente crianças de 4 a 6 anos, passando mais tarde a abrir as portas para os bebês de 0 a 3 anos, com uma separação de classe muito nítida, em que a escola maternal era somente para filhos dos pobres em oposição aos jardins de infância. A Constituição de 1988 tornou obrigatória esta etapa da educação básica que ganhou ainda mais legitimidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96, ao incorporarem as creches e pré-escolas ao sistema educacional brasileiro. Dê lá para cá se caminha a passos lentos para que isso de fato se concretize e que todas as crianças possam ser atendidas por essas instituições em turmas de creche I (0 a 2

anos) Creche II (2 a 3 anos) Pré I (3 a 4 anos) e Pré II (4 a 5 anos), para posteriormente ingressarem no Pré III em pré-escolas integradas à escola de ensino fundamental

Mas como entender esses pequenos na creche? Ressalta Cairuga (2014) que a relação entre pais e educador deve ser muito forte, visto que os primeiros vão apresentar o bebê para o educador. A autora trata os pais como “especialistas” em seus filhos, por isso escutar os pais e saber decifrar como a criança se expressa é fundamental para o sucesso na escola. A criança necessita se sentir segura com o educador, em virtude disso ele precisa ser alguém seguro também, que conheça o campo em que caminha, mostrando afeto e cuidado com todas as crianças. Cairuga (2014, p.44) aponta os seguintes objetivos para os educadores que trabalham com bebês:

- estabelecer vínculos de qualidade com o bebê;
- valorizar a continuidade dos laços afetivos;
- adaptar-se aos bebês;
- reconhecer sinais de sofrimento;
- garantir uma interação de qualidade.

O atendimento em creches requer um trabalho individualizado com cada bebê, a cada troca de fralda, a cada alimentação, a cada diálogo com esses pequenos. Rizzo (2010, p. 211) destaca que não deixemos que o atendimento a bebês se “mecanize”, pois todas as ações, segundo a autora, devem estar “recheadas” de carinho e atenção individualizada.

Vale salientar que o primeiro contato com o mundo fora do útero que o bebê tem após a maternidade é a sua casa: é lá que está a sua zona de conforto, é lá que se sente seguro, é lá que tem sua maior fonte de afeto. Em casa, os bebês são compreendidos e atendidos em suas necessidades. Assim é importante que o ambiente escolar se aproxime do ambiente familiar, se tornando o menos estranho possível para crianças tão pequenas, as quais desde muito cedo já estão em contato com pessoas diferentes do seu contexto familiar.

2.3 OS BEBÊS ESTÃO NA ESCOLA, E AGORA?

É Inegável o crescimento no que se refere ao atendimento de crianças desde sua primeira infância, seja em redes públicas ou privadas, que ocorreu quando as mães precisaram adentrar o mercado de trabalho. Contudo é notório que, com o passar dos anos, a preocupação com a qualidade deste atendimento vem aumentando.

Como mencionei anteriormente, quando falamos em Educação Infantil, logo pensamos nas crianças de Jardim e Pré e nos esquecemos de voltar nosso olhar para as crianças menores, as da Creche e, talvez, isso contribuisse para a pouca reflexão sobre práticas pedagógicas nessa faixa etária.

Para Cairuga (2014), os pais ainda sofrem receio ao deixarem seus filhos na creche, e isso pode se dar, por exemplo, pela falta de espaços qualificados, pensados para os bebês. Os responsáveis por essas crianças depositam muitas inseguranças nesse momento: será bem cuidado? Bem alimentado? Não vão me omitir fatos importantes da vida do meu filho? Vai ser atendido quando solicitar, seja pela fala seja pelo choro?

Ressalto que essas angústias recorrentes ocorrem porque esses espaços necessitam serem melhor planejados, estrutural e pedagogicamente. Enquanto estagiária de uma turma de Creche I (e mãe de uma criança que frequenta esta etapa da Educação Infantil) , quando lanço um olhar mais crítico e reflexivo acerca do que encontramos percebo muitas falhas em turmas que atendem essa faixa etária, seja pelo fato de não pensarem o espaço para receber esses pequenos, seja por não planejarem atividades que contribuam para o seu crescimento.

Rizzo (2010) entende condições estruturais como espaços que ofereçam segurança, higiene no manuseio das crianças, dos brinquedos e dos alimentos a serem consumidos por elas, assim como mobiliário adequado e profissionais capacitados. Com relação às questões pedagógicas, Cairuga(2014) e Rapoport (2012) consideram importante criar propostas que vão contribuir para o desenvolvimento dos bebês, sendo indispensável oferecer diferentes estímulos que contribuam para o seu crescimento.

Nada deve ser mecanicamente. O desabrochar do ser humano exige, além de cuidados de higiene e alimentação, relações de base afetivo-social que lhe proporcionem estímulo para o desenvolvimento saudável da sua vida emocional e intelectual. (RIZZO, 2010, p. 346).

Mas e agora os bebês estão “invadindo” as creches? Cada vez mais pais e responsáveis optam por esses espaços não mais para sanar as carências das famílias em relação a ter com quem deixar seus filhos, mas para essas crianças construírem seus próprios saberes e culturas. Nos dias atuais já se entende que as escolas de Educação Infantil não estão mais voltadas a atender somente as necessidades das mães que precisam ter um lugar que cuide de seus filhos enquanto trabalham, mas sim são vistas como um direito das crianças. Todavia penso que este direito deve estar integrado ao respeito, às necessidades não só biológicas dessas crianças, mas às necessidades de seu desenvolvimento integral. Em relação a isso, é importante mencionar a concepção sobre cuidar e educar, apresentada no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Volume 1 (BRASIL, 1998, p. 18): “Os cuidados são compreendidos como aqueles referentes à proteção, saúde e alimentação, incluindo a necessidade de afeto, interação, estimulação, segurança e brincadeiras que possibilitem a exploração e a descoberta”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho de pesquisa busca sua inspiração metodológica na análise documental e na análise de conteúdo. Pimentel (2001) enfatiza que o que será selecionado para análise depende dos documentos e da relação do seu conteúdo com os objetivos geral e específicos da investigação. Para isso, precisamos encontrar esses documentos, para posteriormente garimpar elementos ou índices para a análise. Por isso, além de me debruçar sobre a leitura de algumas literaturas (MORAES, 2003; CAIRUGA 2014; MINAYO, 2008; RIZZO, 2010, PEREIRA, 2015; BRASIL,1998), realizei uma busca nos arquivos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão/RS, a fim de encontrar os relatórios de estágio supervisionado de acadêmicos que realizaram sua prática docente curricular nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) com turmas de Creche I, comumente nomeadas de “berçário”. Encontrei cinco⁵ relatórios de

⁵ No momento da pesquisa nem todos os relatórios de estágio realizados em turmas de Creche I estavam disponíveis nos arquivos da Universidade Federal do Pampa- Campus Jaguarão/RS. Os estágios com bebês nas Creches I e II iniciaram a partir do primeiro semestre letivo de 2013, sendo que os cinco relatórios encontrados se referem aos seguintes semestres: 2013/1 (Quantidade: 01);

estudantes que realizaram sua prática de estágio curricular com bebês na Creche I, dos quais analisarei quatro, porque um deles é de minha autoria e, considerando os objetivos desta pesquisa, preferi não olhar para as práticas desenvolvidas por mim, para evitar comparações com as desenvolvidas pelos colegas ou mesmo uma pretensa prescritividade com base em meu olhar como estagiária docente.

Os itens analisados no relatório⁶ no momento da pesquisa foram: *princípios orientadores, reflexão analítico-teórica sobre a prática e planos de aulas* em anexo, estes que se faziam importante para o alcance dos meus objetivos.

No que diz respeito às leituras sobre estudos realizados acerca de práticas pedagógicas com bebês, procurei selecionar e extrair noções teóricas pertinentes para a compreensão da temática aqui em foco, o que fiz nas seções anteriores deste texto. Inicialmente procurei descrever a categoria “bebê” no universo da infância, assim como desmistificar a creche como espaço somente assistencialista, apesar dessa perspectiva ser ainda muito presente nas EMEIs de um modo geral, não se restringindo às instituições de Jaguarão. Quando se fala no trabalho pedagógico com bebês, essa visão assistencialista, centrada estritamente no cuidado, ainda é muito valorizada pelas escolas, conforme Barreto (1998, p. 27):

A qualidade do atendimento em instituições de educação infantil no Brasil, devido à forma como se expandiu, sem os investimentos técnicos e financeiros necessários, apresenta, ainda, padrões bastante aquém dos desejados, especialmente na creche, que, historicamente, se caracterizou como um atendimento de guarda para crianças de famílias de renda mais baixa, mas também nas pré-escolas destinadas a essa faixa da população.

Observando meu próprio processo de leitura, como descrevo acima, percebo que o mesmo se aproxima do que argumenta Pimentel (2001, p.184), quando menciona que “organizar o material significa processar a leitura segundo critérios da

2014/1 (Quantidade: 02); 2014/2 (Quantidade: 01); 2015/2 (Quantidade: 01). Conforme informação fornecida pela coordenadora do Curso de Pedagogia (Gestão 2013-2015), em 2013/1, duas acadêmicas realizaram estágio curricular em Creche I, em 2014/1, quatro, em 2014/2, quatro, e, de acordo com as professoras responsáveis pelo estágio em 2015/2, duas. Em 2016/2, não tiveram estagiárias em turmas de Creche I.

⁶ O sumário dos relatórios de estágios analisados é composto pelos seguintes itens: 1) MEMORIAL DESCRITIVO; 2) PLANO DE TRABALHO; 2.1) DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO; 2.2) DADOS REFERENTES À SALA DE AULA; 2.3) CARACTERIZAÇÃO DA TURMA; 2.4) PRINCÍPIOS ORIENTADORES; 2.5) FIO CONDUTOR; 2.6) JUSTIFICATIVA; 2.7) EIXOS E POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS; 2.8) AVALIAÇÃO; 2.9) CRONOGRAMA 3) REFLEXÃO ANÁLITICO- TEÓRICA SOBRE A PRÁTICA; 4) CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS; ANEXOS.

análise de conteúdo [...]”, ou seja, da seleção daquilo que se relaciona com a temática investigada.

Para que um pesquisador possa analisar um conteúdo, podendo assim ser usado a favor de uma temática, é que preciso que haja uma incorporação por parte dele de conceitos pertinentes, como ressaltado por Moraes (2003, p. 196): “Somente essa impregnação intensa possibilita uma leitura válida e pertinente dos documentos analisados, os quais o ajudarão na sua produção, para que assim possam surgir as interpretações e compreensões acerca da temática.” Moraes (2003) a análise de conteúdo como uma “tempestade de luz”, quando o autor tem a possibilidade de compreender e se empoderar de argumentos para defender sua pesquisa.

Para a realização da análise de conteúdo tanto dos textos bibliográficos como dos relatórios de estágio, usei o procedimento de grifá-los com minhas interpretações assim como relacionar excertos dos relatórios com citações diretas dos autores, através de fichamentos, para que, posteriormente, pudessem ser incorporadas a minha escrita analítica. Para tanto, tais documentos foram xerocados e/ou escaneados, para que eu os tivesse sempre ao meu alcance no momento da elaboração do texto. Com isso, me detive não só no levantamento de dados, mas também na exploração semântica e relacional dos mesmos, para dar conta dos objetivos desta investigação. Isso vem ao encontro do que se caracteriza como pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador desenvolve a investigação à medida em que constrói novas interpretações a partir de suas leituras. Nesse sentido, Godoy (1995, p.63) salienta que “quando um pesquisador de orientação qualitativa planeja desenvolver algum tipo de teoria sobre o que está estudando, constrói o quadro teórico aos poucos, à medida que coleta os dados e os examina”.

Minayo (2008) afirma que a pesquisa nunca termina, pois toda investigação produz conhecimento novo e por consequência novos questionamentos. Sendo assim, não pretendo aqui deixar nada acabado, pois os bebês são como um oceano profundo de possibilidades, e quanto mais leio sobre eles, mais me sinto instigada a continuar estudando sobre estes pequenos seres humanos.

LEITURA DE RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Tenho a pretensão aqui de trazer recortes de práticas pedagógicas que estimulem a aprendizagem dos bebês, esses que não frequentam a escola só para serem cuidados, mas que podem aprender a partir das experiências trazidas pelo professor⁷ para a sala de aula. Mesmo com bebês, o educador precisa assumir seu papel pedagógico e contribuir com o desenvolvimento integral das crianças que frequentam a instituição escolar desde a mais tenra idade.

4.1 PRÁTICAS QUE ESTIMULAM A APRENDIZAGEM E A INTERAÇÃO COM OS BEBÊS

Reuni aqui algumas possibilidades de atividades que foram realizadas com bebês. Tais propostas foram extraídas dos relatórios de estágio supervisionado das graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia da Unipampa – Campus Jaguarão/ RS. Começo a reflexão sobre elas dizendo que de fato estimulam a aprendizagem, porque os alunos podem tocar, expressar-se e interagir tanto com os colegas quanto com os materiais. Em minha prática de estágio, ouvia professores perguntando: “Mas escovar os dentes é atividade?” Também pude observar momentos como este sendo feito mecanicamente, quando a professora da turma dizia “abre a boca” e escovava os dentes do aluno chamando o próximo, sem nenhuma intervenção pedagógica durante esse momento da rotina. Muitas aprendizagens podem ser proporcionadas na situação da escovação de dentes, mas isso precisa ser também planejado pelo professor. Considero importante a criança saber o que está fazendo, por que está fazendo e para que está fazendo tal ação de cuidado de si. Se o professor não propicia que os alunos explorem os momentos de rotina na creche, pode estar desperdiçando algumas oportunidades de desenvolvimento dessa criança, pois “é pela experiência que a criança se depara com as novidades do espaço, sente cheiros e percebe texturas, tamanhos e formas”. (YASBEK, 2008, p. 02). Logo abaixo, apresento uma possibilidade de ampliação da oralidade através da identificação de sua autoimagem e da imagem de seus colegas, além do exercício da nomeação (dizer o próprio nome e os dos colegas), planejada por uma das estagiárias e realizada com sua turma de Creche 1:

⁷ Embora a maioria das professoras de Educação Infantil sejam mulheres em nosso país, utilizaremos o termo no masculino por um questão de opção linguística.

Momento da chamada

Foi emocionante ver eles encantados com os cartazes sendo colocados. Mesmo não se expressando oralmente por palavras, seus olhares e gestos foram emocionantes[...]. As fotos, na hora da chamada foram pegadas e amassadas, e alguns se reconheciam a si próprios e aos colegas, apontando para si e até mesmo para os demais e balbuciavam como dizendo essa é “fulano”. (RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA DÉBORA⁸, 2014).

No exemplo acima, as crianças puderam participar de uma atividade coletiva em que foi possível pensar e tentar verbalizar seus nomes e os dos colegas, mesmo sendo muitas vezes através de uma pré-fala (VIGOTSKY, 1991), ou seja, de um exercício de fala que se aproxima de uma verbal, mas ainda não o é, sendo externalizada através de balbucios, como descreveu a estagiária.

A identidade é algo que ainda está se construindo nessa etapa da vida da criança. Para eles, é tudo muito novo, afinal foi muito tempo somente com a mãe em sua vida intrauterina. É importante que o bebê se reconheça e que se sinta parte integrante de um grupo que o respeita e que o entende como um ser portador de direito, como enfatiza o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Volume 1, dentre estes direitos está o cuidado ao “ desenvolvimento de sua identidade” (BRASIL, 1998, p. 13), o qual deverá se dar por meio de atividades diversificadas, ou seja, o professor deverá criar estratégias usando recursos e metodologias variadas com os pequenos, ao longo do ano letivo. Tal eixo é tão importante de ser trabalhado nessa etapa escolar, que os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – Volume 2 contêm uma sessão que trata profundamente desse assunto. A identidade é uma marca da diferenciação das outras pessoas, a começar pelo nome, daí possibilidade de momentos como esse fazerem parte da rotina das salas que recebem bebês.

O modo como os traços particulares de cada criança são recebidos pelo professor, e pelo grupo em que se insere tem um grande impacto na formação de sua personalidade e de sua auto-estima, já que sua identidade está em construção. (BRASIL, 1998, p.13).

A identidade está diretamente ligada à autonomia, pois à medida que a criança se compreende e amplia a ação dos seus próprios recursos para realizar

⁸ Usarei nomes fictícios para preservar a identidade das alunas estagiárias.

atividades das quais antes necessitava de ajuda, ela se desenvolve e amplia sua capacidade de fazer as coisas sozinha. Tais momentos de construção da identidade podem ser instigados na prática pedagógica através de uma atividade, como a que segue abaixo:

Atividade proposta

A professora levará uma caixa decorada com gravuras contendo as fotos das crianças, Logo após retirará a primeira foto da caixa e perguntará: Quem é este bebê? Ele veio hoje? Sim? Logo após o aluno que está na foto coloca sua foto no cartaz pregado na parede e assim sucessivamente. (RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA, DÉBORA, 2014).

O planejamento para bebês precisa ter muito espaço para o brincar, para que, em forma de brincadeira, possa explorar diferentes situações. Não podemos mais adotar a ideia de que atividade se faz somente sentado à mesa. Também não existe nada de errado se uma proposta for pensada em volta de uma mesa, mas o educador precisa ter em mente que a criança muito pequena não vai ficar sentada por um longo período de tempo. E isso não está ligado à desordem ou com ele querer desobedecer à professora, mas com a necessidade de explorar o espaço e com o prazer que sente quando está começando a caminhar. E como precisamos dar condições para que façam essa exploração de diferentes maneiras, abaixo trago um recorte de um dos relatórios de estágio, quando a estagiária possibilitou aos alunos realizarem diferentes propostas a partir de caixas de papelão.

Manipulando caixas de papelão

A aula em que foram dispostas as caixas para eles brincarem, a meu ver, foi a que eles mais se divertiram, quando eles usaram a imaginação e as caixas viraram carrinhos, cama de bonecas, chapéu de soldado e até trenzinho. As caixas foram distribuídas pela sala depois da atividade dirigida de empilhar as caixas. Elas criaram todas as outras brincadeiras de faz de conta sozinhas, com algumas intervenções minhas. Quando a caixa virou chapéu de soldado em dois dos alunos, cantei a música "marcha soldado" e eles marcharam por toda a sala. (RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA RAQUEL, 2015).

A estagiária estava atenta ao que os alunos estavam fazendo, caso contrário não seria possível intervir e cantar a música de acordo com a ação deles enriquecendo assim a brincadeira.

De acordo com Junqueira Filho, Kaercher e Cunha (2012), atividades que envolvem a noção de reversibilidade em uma situação concreta, como montar e desmontar, colocar e tirar, empilhar e desempilhar, em um movimento de ida e volta constantes, atraem os bebês e os envolvem em uma atividade não só motora, mas também cognitiva. A estagiária Raquel planejou uma atividade com caixas de papelão, a qual envolvia essa noção de reversibilidade através do concreto:

Atividade proposta em sala

A professora levará caixas de sapatos para que os alunos façam torres de caixas, no máximo três. Logo após, irá dispor caixas de papelão de diversos tamanhos, para que os alunos explorem, manipulem e os deixará livres para que brinquem de suas próprias brincadeiras. (RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA RAQUEL, 2015).

Junqueira Filho, Kaercher e Cunha (2012, p. 30) argumentam que atividades como a descrita acima desenvolvem o movimento de pinça, que somente os seres humanos possuem, o de unir o polegar opositor ao dedo indicador:

O tele-encéfalo altamente desenvolvido, combinado com a capacidade de realizar o movimento de pinça com os dedos, permitiu que o homem, ao longo de sua história, realizasse um sem-número de projetos e invenções que lhe trouxeram conforto, segurança e prazer. Por isso o nosso empenho no sentido de estimularmos as crianças, desde muito pequenas, a dominar esse movimento, de modo que possam descobrir as inúmeras possibilidades reveladas por eles. Uma das maneiras de fazê-lo é por meio dos jogos de encaixar e empilhar.

Nesta etapa da infância, além dos jogos motores, como os descritos acima, as atividades de experimentação de cheiros, sons e sabores são extremamente desafiadoras para os sentidos dos bebês e promotoras de novas aprendizagens sobre o mundo. A estagiária Fulana organizou uma situação de experimentação do sabor da beterraba, legume que não era usualmente consumido na sua turma de Creche 1:

Provando um novo alimento

O dia em que apresentei a beterraba a eles, de um forma lúdica, quando explicava que sabia fazer uma mágica, deixar a língua roxa, os alunos logo vieram para perto ver o que eu ia fazer. Logo após comi um pedaço de beterraba e mostrei a língua a eles. A aluna A ficou parada me olhando e levou as mãos à boca, impressionado, o aluno J logo me pediu um pedaço e foi para o espelho se observar. O aluno R comeu e o levei ao espelho, também para que pudesse ver sua língua e ele sorria. A aluna E mostrava a língua para todas as professoras e comeu vários pedaços também, como o aluno J. Acredito que esta atividade teve o máximo de sucesso para com os pequenos, pois eles experimentaram e nenhum fez cara feia ao provar a beterraba. (RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA RITA, 2013.).

A alimentação está dentre um dos cuidados vitais para o ser humano. Esta parte, ainda que ligada ao cuidar, precisa carregar consigo um momento pedagógico, afinal a escola é um espaço para isso e o cuidar precisa caminhar lado a lado com o educar. Para isso é preciso que o pedagogo aproveite cada momento para ajudar no desenvolvimento dos seus alunos. Mas podemos nos perguntar se vamos ensinar a comer? Sim, mas isso não significa somente ter um comportamento adequado na mesa, afinal não há nada de mais que bebês peguem com a mão a comida, pois um prato colorido é normal que chame a atenção e que eles queiram tocar. Com o tempo, com o exemplo dos adultos e das crianças menores que os cercam, o garfo e a colher vão ser os acessórios que usarão para se alimentar, mas até que isso aconteça não podemos reprimir que a criança experimente a textura dos alimentos que está ingerindo com as próprias mãos. É importante também que as crianças saibam o que estão comendo, olhando seu prato e, para isso, é preciso que o professor dialogue com o grupo e não apenas ofereça-lhes os pratos em seus cadeirões de papar, sem nenhuma intervenção oral. É nesse processo que as crianças irão gradativamente adquirindo a fala, fazendo tentativas de usá-la em suas relações e comunicações. (BRASIL, 1998).

Com relação ao uso de materiais táteis, visuais e sonoros, conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – Volume 3, o professor precisaria selecionar os materiais para instigar a descoberta e a exploração do movimento. No excerto do relatório de estágio abaixo, há um exemplo em que os alunos precisam movimentar-se por entre um circuito para poderem explorá-lo. Móviles estimulam as crianças a ficarem eretas na tentativa de esticar-se para alcançá-los, assim como usar-se dos músculos das pernas e braços para realizar a

proposta levada para a sala de aula. Na atividade abaixo, trabalha-se não somente o movimento, mas também o manuseio de materiais diversos, como brinquedos e outros objetos, o que auxilia no aperfeiçoamento das habilidades manuais.

Experimentando novas sensações

No período de estágio na Educação Infantil, levei um circuito de cano de PVC, com diversos móveis para a exploração dos alunos. Todos adoraram explorar o circuito, pois manipularam cada brinquedo. Ao montar o circuito, coloquei potes de iogurte e tampinhas, para que fosse possível com a batida das mãozinhas, que eles produzissem som. O circuito também possuía argolas de EVA, de diferentes cores e cd's para estimular as crianças visualmente. Também acrescentei texturas diferentes como esponja, penas e bichinhos de pelúcia, para eles manusearem. Como estímulo sonoro, coloquei um macaquinho que, ao dar corda, ele batia no tambor. (RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA CLÁUDIA, 2014.).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil – Volume 3 (BRASIL, 1998), a interação com diversos materiais de diferentes formas, cores, texturas e sons promovem a construção da consciência corporal, a relação do próprio corpo com o espaço e com aquilo que faz o bebê entender que não é mais o seu eu.

Alguns materiais, em contato com o corpo da criança, podem proporcionar experiências significativas no que diz respeito à sensibilidade corporal. As características físicas de fluidez, textura, temperatura e plasticidade da terra, da areia e da água propiciam atividades sensíveis interessantes, como o banho de esguicho, construir castelos com areia, fazer bolo de lama etc. Outra sugestão é o uso de tecidos de diferentes texturas e pesos, ou materiais de temperaturas diferentes, em brincadeiras prazerosas como esconder sob um pano grosso; fazer cabanas; túneis e labirintos construídos com filó etc. (BRASIL, 1998, p.31).

Inúmeras são as possibilidades de propostas didáticas que se pode planejar para uma aula com bebês. Contudo torna-se necessário conhecer as características físicas, afetivas e sociais das crianças, bem como considerar alguns princípios pedagógicos para planejar uma aula voltada para Creche¹. Isso é o que passo a discutir na seção seguinte.

4.2 ORGANIZANDO UMA AULA PARA BEBÊS

Trago essa seção dividida em três tópicos, os quais considero de suma importância para o desenvolvimento integral dos bebês. Dessa forma, aqui fiz um apanhado de propostas as quais seriam produtivas se estivessem presentes diariamente no cotidiano de uma sala de Creche 1.

4.2.1 Brincar

Para um trabalho interessante com bebês, é preciso que a sala de aula tenha material suficiente, para que as crianças consigam compartilhar, mas isso não quer dizer cestos entulhados com brinquedos mal cuidados. O professor é o responsável por periodicamente fazer a seleção desses materiais à medida que forem ficando impróprios, quebrados ou sujos. Precisamos evitar que os brinquedos tragam risco às crianças, por isso a necessidade destes serem sempre maior que a boca dos pequenos. É interessante que esses estejam separados em cestos menores por semelhança, por exemplo, um com brinquedos de cozinha, um com bonecas, um com carrinhos, um com jogos de montar, o que além de tornar o ambiente mais organizado propicia às crianças também uma brincadeira mais produtiva e, por consequência, organização melhor seu pensamento ao poderem fazer escolhas. Isso mostrará aos alunos uma melhor noção sobre alguns contextos, já que não encontramos um carro no meio de um salão de beleza ou um salão de beleza no meio de uma cozinha. Por isso não precisamos dispor todos os brinquedos ao mesmo tempo. Criar uma atmosfera lúdica é de suma importância para instigar as crianças a pensarem sobre contextos, como traz Yaskeb (2008, p.2): “Os ambientes devem ser convidativos e contextualizados com a história que se quer construir”.

A relevância do brincar e do brinquedo aparece como princípio orientador no relatório de estágio de uma das acadêmicas:

*Necessidade de incentivo à independência com brincadeiras e diálogo.
(RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA CLÁUDIA, 2013).*

Todavia, por mais que as crianças aprendam brincando, esse brincar não pode e não deve ser impensado pelo educador que esta a frente da turma. Tudo o

que tem em sala e na escola, precisa ser planejado para atender as necessidades dessas crianças: explorar, descobrir, tocar, sentir, movimentar-se.

4.2.2. Linguagem

Precisamos falar com os pequenos, questioná-los e responder aos seus anseios. É valoroso que os alunos recebam um atendimento onde é priorizado o diálogo: como vamos ensinar esses pequenos a falar se não falamos com eles. Em propostas como momentos de escovação, alimentação, brincadeira na sala e ao ar livre, o diálogo precisa estar presente. (BRASIL, 1998). Não apenas levar as crianças para o pátio, seria importante conversar e explicar o que irá ser feito lá, estabelecer combinados e, durante o desenvolvimento da atividade, é preciso que os alunos exercitem a sua linguagem. Para isso, o professor precisa ter em mente que nem sempre a linguagem se manifesta por meio da fala, mas que expressões gestuais e de pré-fala, como o balbúcio, são o caminho para chegar até ela. O educador que está atento sabe quando o bebê faz uma expressão de desconforto ou cansaço, e esse é um dos aspectos que fundamentalmente precisam ser respeitados: não há nada de mal se um bebê não quiser participar de alguma proposta. Em um dos relatórios de estágio uma estagiária desenvolveu uma hora do conto com os alunos, e sua reflexão manifesta a ideia de respeitar o desejo de cada criança:

Em uma situação que proporcionei a eles o contato com o livro, da história dos bichos, os olhos dos animais se movimentavam conforme era manipulado por mim, pelo lado de trás do livro, e possuía também os sons dos animais e botões laterais. Percebi que eles prestavam mais atenção nos animais e queriam pegar os olhos dos bichinhos e, quando estavam manipulando o livro, deixei que sozinhos descobrissem que o mesmo emita som. Então tiveram uma surpresa. Queriam todos apertar os botões do livro no chão. Assim eles interagiram entre si e juntos manipularam o livro. Y apertava os bichinhos e a cada barulho sorria para mim, o que me chamou a atenção, porque ela é muito séria em aula. O T., após explorar o livro, me fez um pedido: “- Livro, livro”. Ao mesmo tempo apontava para uma caixa em cima do armário. Peguei a caixa e estava cheia de livros diferentes. Coloquei-a no chão e todos vieram para olhar os livros, folhear, apertar e me mostraram o que pegavam. (RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA DEBORA, 2014.).

No excerto acima é possível observar que a estagiária está atenta às solicitações dos alunos, os quais as demonstram os seus desejos por meio de gestos, expressões e falas. Quanta coisa poderia ter sido perdida se ela desse apenas o livro e não intervisse ou não atendesse seus alunos? O educador precisa conhecer seu aluno e isso só se dá por meio da observação no dia-a-dia, como argumentam Junqueira Filho, Kaercher e Cunha (2012 p. 16):

Não há como conhecer uma criança, verdadeiramente, a não ser no seu dia-a-dia. É a convivência com elas que, o prestar a atenção em suas reações e manifestações – em seu choro, no seu jeito de dormir, de brincar, de sorrir, de falar – que possibilitará aos educadores conhecer cada uma, reconhecer seus desejos, necessidades e potencialidades.

4.2.3 Movimento

Proporcionar aos alunos atividades que ampliem seu repertório corporal, seja de um bebê que precisa ser instigado a levantar e andar, seja um bebê que já anda e vai aprender a correr e pular. Nesse caso, penso que não podemos prever as mesmas atividades para todas as crianças da sala, já que turmas de Creche 1 atendem crianças de 0 a 2 anos. Nas leituras dos relatórios de estágio, uma das estagiárias que tinha em sua sala de aula bebês com muita diferença de idade (alguns que caminhavam, outros que ainda não e um que começou a caminhar no período de sua prática, a partir de propostas levadas para a sala por ela, tirando os pequenos de carrinhos e berços e levando-os para caminhar em passeio ao redor da escola) traz em seus planejamentos como cada momento será realizado com cada aluno de acordo com a idade, incorporando o princípio da heterogeneidade em seu planejamento:

Para D. J. M.. e E. a professora irá colocá-los na mesa, para que sozinhos peguem o garfo e comam a comida. Já R. e A. a professora dará a comida na boca, por serem os menores da turma. (RELATÓRIO DA ESTAGIÁRIA RITA, 2014).

Com atenção, o educador saberá a necessidade de cada aluno, e o atendimento individual tem que estar presente não só nas atividades que envolvam o movimento, mas em todas as ações durante a aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos mais negligenciar que ser bebê faz parte da história de todo o ser humano, que é uma etapa da infância e que tem as suas peculiaridades, não mais como antigamente quando as crianças eram vistas como adultos em miniaturas.

Os bebês cada vez mais adentram o espaço escolar e tem esse direito garantido por lei, mas os educadores parecem ainda não saber muito bem o que fazer com eles, como observei em minha prática de estágio curricular no curso de Pedagogia. Talvez este seja um dos motivos que ainda gerem a falta de reflexão sobre as práticas pedagógicas com essa faixa etária. Práticas pedagógicas planejadas segundo as características de cada bebê são de suma importância para o desenvolvimento integral desses pequenos. Entretanto, para que aconteçam com qualidade, precisamos, para além de planejar, saber como tratá-los, pois ainda precisam de cuidados muito individualizados, acompanhados de afeto dos que os acolhem, para que se sintam seguros e protegidos na escola.

Espero ter sido mais uma dentre outras acadêmicas a instigar os professores, que trabalham com essa fase encantadora, para que comessem a ver seus alunos bebês como crianças capazes, mesmo com as limitações biológicas próprias da sua faixa etária.

REFERÊNCIAS:

ARIÉS, Philippe. **A história Social da criança e da família**. Rio de Janeiro:Guanabara, 1981.

BIBIANO, Bianca; SANTOMAURO, Beatriz; GURGEL, Thais; ANDRADA, Luisa; BROWNE, Julia; Vilmar Oliveria. **O que não pode faltar na creche?** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1247/o-que-nao-pode-faltar-na-creche>> Acessado em: 20 de dezembro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto Secretaria da Educação Fundamental-**Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF, 1998, (Vol.1- Introdução).

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto Secretaria da Educação Fundamental-REFERENCIAL Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília, MEC/SEF, 1998. (Vol. 2 Formação Social e Pessoal).

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto Secretaria da Educação Fundamental-REFERENCIAL Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília, MEC/SEF, 1998 (Vol. 3- Conhecimento de Mundo).

BRASIL. Lei 8069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente. Legislação correlata. Brasília: Câmara dos Deputados, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Subsídios para Credenciamento e Funcionamento de Instituições de Educação Infantil. V. 2. Brasília: MEC, 2010. P. 23-33.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Subsídios para diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica. Brasília: MEC, 2009.

CAIRUGA, Rosana Rego; CASTRO, Marelene Costa de; COSTA, Márcia da Rosa. **Bebês na escola: Observação sensibilidade e experiências essenciais**. Porto Alegre. Mediação. 2014.

CATALDI M. C. C. Modificações sociais e participação da mulher no mercado de trabalho. In Gayotto, M. L. C. (org.). **Creches: Desafios e contradições da criação da criança pequena**. São Paulo, SP: Ícone, 1992.

GODOY, Arilda Schimidt. Introdução **À Pesquisa Qualitativa E suas Possibilidades**. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade; KAECHER, Gládis Elise Pereira da Silva; CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Convivendo com crianças de zero a seis anos.. In: RAPOPORT, Andrea ; JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade; KAECHER, Gládis Elise Pereira da Silva; MELLO, Maura Maria Sá de; MACHADO, Patrícia Brum; CUNHA, Susana Rangel Vieira da.(Orgs). **O dia a dia na Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p.. 13-48.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (orgs.).**Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.9-29.

MORAES, Roque. Uma Tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, out. 2003.

PEREIRA, Rachel Freitas. Os processos de socializ(ação) entre os bebês e os adultos no contexto da Educação Infantil. Tese (Doutorado)- Faculdade de Educação . Programa Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

PIMENTEL, Alessandra. O método da Análise Documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, online, n.114, p. 179-195. 2011.

RICHTER, Sandra R. S; BARBOSA, Maria Carmem S. Educação Infantil: qual currículo com crianças pequenas? In: VI Congresso Internacional de Educação- Educação e Tecnologia: Sujeitos (des)conectados? São Leopoldo: 2009. P.1-18.

RIZZO, Gilda. **Creche: Organização, montagem e funcionamento**. 6° ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2010

ROSA, Maria Marini Mariotto. Atender, cuidar e prevenir: a creche, a educação e a psicanálise. **Estilos clín.** v.8 n.15 São Paulo jun. 2003 *versão On-line* ISSN 1981-1624

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**- 2013.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FONTES CONSULTADAS:

Relatórios de estágio do Curso de Pedagogia Unipampa Campus Jaguarão/RS (Período 2013- 2015).